

## POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03:

### O resgate das lideranças negras locais.

Dulcinea Cerqueira Coutinho Barros<sup>1</sup>

#### Resumo:

Incluir a História e Cultura Afro-brasileira e Africana no âmbito da sala de aula, contemplando o que preconiza a Lei 10.639/03, não tem sido uma tarefa fácil para nós educadores. Uma das explicações está na formação acadêmica puramente eurocêntrica que silenciou outros sujeitos, discursos e saberes. Na tentativa de superar tal lacuna, tentamos associar tópicos da História e Cultura Afro-brasileira e Africana à História local. Professor e alunos do 1º ano do Ensino Médio do Instituto de Educação Gastão Guimarães realizaram uma pesquisa diagnóstica em bairros e distritos de Feira de Santana, visando conhecer as lideranças negras locais. Foram entrevistadas, biografadas e organizadas em um livreto 19 trajetórias individuais, homens e mulheres, que lutam pela valorização da auto-estima negra e sua inclusão efetiva na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Ensino- Afrodescendência- História Local.

A cultura hegemônica ocidental perpetuou o olhar maniqueísta do “bem” sobre o “mal”, do “civilizado” contra o “bárbaro”, do “belo” sobre o “feio”, no qual, o padrão europeu é o centro gravitacional por excelência. Tudo que não comunga com esse lugar-padrão está num plano periférico, logo, considerado inferior e deve ser dominado, subjugado ou descartado.

Carneiro salienta que “esse conhecimento científico foi vulgarizado, com o objetivo de facilitar sua compreensão pelo grande público, interferindo no imaginário social, gerando ou reforçando estereótipos e atitudes discriminatórias” (2007, p.21)<sup>2</sup>. A escola, filha do paradigma moderno, absorveu ao longo de sua existência boa parte dessa teoria racista materializada no Arianismo, no Darwinismo social e na Eugenia. Livros didáticos e materiais pedagógicos perpetuaram e ainda ajudam a reforçar o etnocentrismo dos europeus.

Para Napolitano (2005, p.164)<sup>3</sup> "a maior parte dos currículos formais ainda está formatada (nas emendas e nos programas) sob a forma quadripartite da divisão

historiográfica" e completa afirmando que a estruturação do currículo escolar de História do Brasil, em sua origem, no século XIX, recaía sobre a História Universal, relegando o ensino de História do Brasil a um segundo plano, até os anos 30 do século XX. Fernandes (2005)<sup>4</sup> ao propor uma análise mais acurada de nossos currículos, programas de ensino e livros didáticos também constata a preponderância da cultura dita "superior e civilizada", de matriz européia.

A escola brasileira, de uma maneira geral, tornou-se refém desse modelo de organização implantado pelos portugueses através do Colégio Pedro II e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- IHGB, o primeiro, criado para formar os filhos da nobreza, instalados no Rio de Janeiro e, o segundo, imbuído da tarefa de construir a genealogia da recém criada Nação brasileira. Nesse projeto de Nação, a matriz branca européia é a base da civilização, em detrimento de índios e negros que aparecem estereotipados como o "bom selvagem", o "primitivo", o "sem alma".

Imagens negativadas do ameríndio ou do negro povoaram os livros didáticos no Brasil e ajudaram a tecer as redes de preconceito que ainda persiste entre nós. Por ser o principal instrumento utilizado nas salas de aula brasileiras, muitas vezes, o livro didático recobre-se de "verdades absolutas" e "saberes inquestionáveis" tanto para professores quanto para alunos. Silva (2004)<sup>5</sup> mapeia estudos sobre o livro didático no Brasil e aponta os anos 1950 como marco inicial das preocupações. Para ela, "o livro didático, de modo geral, omite o processo histórico e cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem, em grande parte, para o recalque da sua identidade e auto-estima" (SILVA, 2004, p. 51).

As contribuições das novas perspectivas para a pesquisa histórica (História Social inglesa, Nova História francesa, Nova História Política) trouxeram mudanças na escrita da História. A problematização das cronologias rigidamente estabelecidas, os novos objetos, métodos e sujeitos que emergiram desse processo possibilitaram um novo olhar sobre a realidade e sobre o passado.

Avanços na educação básica também são notados conforme salienta Napolitano (2005, p.179) "no contexto pedagógico atual, a História Contemporânea, tendo em vista que ela está mais próxima do cotidiano do aluno, tem sido muito valorizada como ponte para o estudo do passado mais remoto". Parece-nos que a história do tempo presente, do espaço local, dos

novos grupos sociais, pode ser o ponto de partida para a construção de novas representações, novos conteúdos para a sala de aula.

A regulamentação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005)<sup>6</sup> visam, por um lado, resgatar a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira e, por outro, apontam a necessidade de criação de pedagogias de combate ao racismo e a discriminação.

A via escolhida para desenvolver esse trabalho partiu das mudanças teórico-metodológicas ocorridas na escrita da História e da necessidade de construir um caminho pedagógico para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Ensino Médio. Ao resgatar trajetórias individuais de homens e mulheres que afirmam no fazer cotidiano seus laços de ancestralidade podemos, em parte, responder à demanda por reconhecimento e valorização da comunidade afro-brasileira. Esses homens e mulheres que lutam contra a discriminação racial, pela valorização da cultura e identidade afro-brasileira, em prol da igualdade de oportunidades para os afro-descendentes são conceituadas, nesse trabalho, de lideranças negras.

A intervenção pedagógica intitulada LIDERANÇAS NEGRAS EM FEIRA DE SANTANA nasceu das leituras e reflexões propostas durante o Curso Africanidades e Educação oferecido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) em parceria com o Instituto Anísio Teixeira (IAT) à professores da rede pública no ano de 2010.

A temática do curso veio preencher uma lacuna da minha formação acadêmica em História, carente em estudos sobre a África e com uma superficialidade no que se refere à trajetória dos afrodescendentes no Brasil. De uma forma geral, a ausência desses saberes na formação do professor dificulta a introdução efetiva da História da África e das Culturas Afro-brasileiras nos currículos escolares dos ensinos Fundamental e Médio.

Como forma de iniciar e ampliar o debate em torno da inclusão da História da África e das culturas Afro-brasileiras e indígenas no Instituto de Educação Gastão Guimarães a Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias propôs desenvolver o Projeto “Brasil Africano: reconstruindo saberes e vencendo preconceitos”, no qual, a intervenção pedagógica

“Lideranças Negras em Feira de Santana” esteve ligada como um sub-projeto. Optei em trabalhar com a temática lideranças negras locais, propositadamente, primeiro, porque queria conhecer os referenciais de negritude que meu aluno conhecia, segundo, porque queria desenvolver um trabalho de pesquisa em que eles pudessem sentir-se produtores de conhecimento e, terceiro, porque não existia nenhum documento ou material didático no nosso Município que resgatasse essas trajetórias individuais de luta pela inclusão do negro na sociedade.

Esse sub-projeto foi desenvolvido ao longo de três unidades letivas do calendário escolar de 2010 com alunos das oito turmas de 1º Ano do Ensino Médio do turno matutino, nas quais, atuava como professora de História. Entre os objetivos propostos estava o de mapear e trazer a público as lideranças negras que atuavam em Feira de Santana, partindo da pesquisa nos bairros e distritos onde os próprios alunos residiam. Os dados coletados nas entrevistas foram trabalhados em sala de aula e, posteriormente, organizados numa publicação para divulgação na comunidade escolar e externa.

A iniciativa trouxe ganhos efetivos para professores e alunos. Estimulou o respeito e valorização da identidade negra, proporcionando a muitos a oportunidade que faltava para assumir-se negro, fez emergir do anonimato pessoas que trabalham em prol da igualdade de oportunidades para os afrodescendentes e ainda aproximou o aluno da história local, do sentir-se ator e produtor da História.

Nessa empreitada, o grande objetivo foi trazer à cena escolar as lideranças negras de Feira de Santana, partindo das referências que os próprios alunos tinham. Assim, os bairros e distritos onde os alunos residiam foi o ponto de partida para o início da pesquisa. Objetivos mais específicos foram propostos, entre eles, Pesquisar e interpretar indicadores sociais sobre a população negra brasileira; Enfocar as lutas e conquistas de líderes negros no Brasil e no mundo; Elaborar biografias das lideranças negras locais pesquisadas; Confeccionar material impresso para divulgação na comunidade escolar e externa.

O sub-Projeto foi desenvolvido pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio, turmas 01 a 08 do turno matutino, sob a orientação conjunta das professoras de História e Geografia, em aulas das referidas disciplinas, durante os meses de maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2010, fazendo uso de aulas da 2ª, 3ª e 4ª unidades letivas. Essa

diluição temporal do Projeto e Sub-projeto em várias unidades letivas foi uma opção discutida e decidida pelos professores da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias visando o não comprometimento dos outros conteúdos curriculares das disciplinas e para que a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira e Africana não ficasse presa a um tempo rígido, com hora determinada para começar e acabar. Ainda assim, ficou acordado que o dia 22 de novembro seria o momento de toda a comunidade escolar compartilhar os saberes construídos, marcando na escola as comemorações pela passagem do Dia da Consciência Negra.

As atividades do Sub-projeto foram planejadas para acontecerem concomitante aos conteúdos específicos das disciplinas envolvidas ou sempre que se fizesse necessário dar orientações ou tirar dúvidas dos alunos. Mas, por se tratar de um tema específico da história local, reservou-se a primeira semana de cada unidade para se levantar proposições ou fazer um balanço acerca da evolução do trabalho. Dessa forma, tivemos quatro momentos importantes em seu desenvolvimento: 1º momento: Sensibilização dos alunos acerca do tema e diagnóstico da viabilidade do projeto junto às turmas: apresentação dos vídeos: “Teste feito com crianças negras”, “Vista a minha pele” e “Espelho, espelho meu” - Qual o papel da escola na reafirmação ou desconstrução dos preconceitos? Havia a necessidade de se levantar essa problemática em nossa escola? 2º momento: Seminário realizado pelas professoras expondo dados estatísticos e indicadores sociais sobre a população afro descendente no Brasil; Conceito e definição de Liderança Negra; Líderes negros, lutas e conquistas no Brasil e no Mundo. 3º momento: Formação de grupos utilizando o critério ‘local de moradia’: a partir de seus bairros ou distritos os alunos levantaram possíveis nomes de lideranças negras e realizaram entrevistas; Escrita de biografias. 4º momento: Correção das produções de texto, digitação, impressão na gráfica e divulgação na comunidade escolar e externa.

A intervenção pedagógica “Lideranças Negras em Feira de Santana” atendeu a intencionalidade da Lei 10.639/03 e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana quando esta última determina que o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira “se fará por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social”(2005, p.22).

Ao trazer à prática educativa a luta de sujeitos, até então, excluídos do conteúdo escolar e da cena social de nosso Município, percebemos que muitos dos nossos alunos identificaram-se com as trajetórias de vida e luta das lideranças pesquisadas, orgulhando-se das contribuições dos africanos e dos afrodescendentes para a construção da nossa nacionalidade e municipalidade. Demonstraram interesse sistemático pelo tema do Projeto e, em específico, do Sub-Projeto, solicitando, inclusive, indicações de textos, filmes e músicas que tratassem da identidade e resistência negra. O contato direto dos alunos e professores com as lideranças negras locais, através de conversas e entrevistas, gerou novos conhecimentos e experiências. Esse contato estimulou o respeito e a valorização da identidade negra, proporcionou a oportunidade que faltava a muitos deles para assumir-se negro. Além disso, a escolha em trabalhar o tempo presente e o entorno do aluno (seu bairro/ distrito/ município) permitiu a consolidação do trabalho de pesquisa de campo, fazendo análise diagnóstica, entrevistas, sistematização e discussão dos dados coletados e façção de texto escrito. No contexto escolar isso só foi possível porque optamos em trabalhar com a História local e com um tema cuja demanda era reprimida.

Essa iniciativa trouxe ganhos efetivos de aprendizagem para professores e alunos, talvez, o principal deles foi chegarmos à conclusão de que a escola não deve se omitir, se esconder atrás das cortinas da suposta democracia racial. Ela deve ser o espaço privilegiado de construção e valorização dos diversos referenciais identitários, sem revanchismos. Não temos um caminho pronto, mas temos a vontade de caminhar. Esse Sub-projeto representou o primeiro passo.

## Notas

---

<sup>1</sup> BARROS, Dulcinea Cerqueira Coutinho. Professora de História da Rede Estadual de Ensino, Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação- UNEB(2001) e em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação- UNEB(2007).

<sup>2</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Racismo na História do Brasil: mito e realidade*. Série História em Movimento, Ática, 2007.

<sup>3</sup> NAPOLITANO, Marcos. Pensando a estranha história sem fim. In. KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>4</sup> FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de História e Diversidade Cultural: desafios e possibilidades. *Cad. CEDES*, Campinas, vol. 25, n.67, p.378-388, set./dez. 2005.

<sup>5</sup> SILVA, Ana Célia. *A discriminação do negro no livro didático*. 2. ed. – Salvador: EDUFBA, 2004.

<sup>6</sup> BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2005.

